



CONCEITOS DE ATIVIDADE, OCUPAÇÃO E COTIDIANO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM GRADUANDOS DE TERAPIA OCUPACIONAL

CONCEPTOS DE ACTIVIDAD, OCUPACIÓN Y COTIDIANO: UN ESTUDIO EXPLORATORIO CON ESTUDIANTES DE TERAPIA OCUPACIONAL

CONCEPTS OF ACTIVITY, OCCUPATION AND EVERYDAY LIFE: AN EXPLORATORY STUDY, CONDUCTED WITH OCCUPATIONAL THERAPY UNDERGRADUATES

Ana Paula Martins Cazeiro¹, Virgínia Felix Barcellos², Ronisson Daniel Fernandes³, Marcia Cabral da Costa⁴, Beatriz Akemi Takeiti⁵ y Ricardo Lopes Correia⁶

RESUMO

Introdução: Embora atividade, cotidiano e ocupação sejam objetos centrais da Terapia Ocupacional brasileira, a literatura sugere pouca consistência conceitual sobre o assunto. No entanto, as diferentes teorias psicológicas sobre conceitos podem trazer entendimentos diversos sobre esta questão. **Objetivo:** Investigar a compreensão de estudantes de Terapia Ocupacional sobre os conceitos de atividade, ocupação e cotidiano. **Método:** Neste estudo qualitativo, 45 estudantes do último ano de um Curso de Graduação em Terapia Ocupacional participaram de um teste de associação de palavras, sendo os resultados submetidos à análise de conteúdo. **Resultados:** Os participantes relacionaram a atividade mais diretamente com a prática da Terapia Ocupacional, utilizando termos como recurso, instrumento, objetivo, adaptação e análise. À ocupação, associaram-se termos como trabalho, papéis e participação. Para cotidiano, foram frequentes as categorias rotina, dia a dia e organização/repetição. Houve também a citação cruzada dos conceitos e a coocorrência de algumas categorias, como fazer, exemplos de atividades e atividades da vida diária. **Discussão:** A partir da visão teórica de conceitos, discute-se que atividade, ocupação e cotidiano se

- 1 Graduada em Terapia Ocupacional, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta IV do Departamento de Terapia Ocupacional – Faculdade de Medicina – Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Exercício Provisório no Departamento de Fundamentos da Educação – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará. ORCID: 0000-0002-0812-8987. ResearcherID: AAV-9462-2020. Email: paulacazeiro@gmail.com. Telefone: (21) 982084232. Endereço: Departamento de Fundamentos da Educação – Faculdade de Educação–Rua Waldery Uchôa, 01, Benfica, Fortaleza, CE, Brasil, 60020-110.
- 2 Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: 0000-0002-1736-7621. E-mail: vfbarcellos@hotmail.com. Telefone: (21) 966144054.
- 3 Graduado em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental – Secretaria Municipal de Saúde/RJ. ORCID: 0000-0002-8426-6441. ResearcherID: AAW-9413-2020. E-mail: ronissonf@gmail.com. Telefone: (21) 992999226.
- 4 Graduada em Terapia Ocupacional, Mestre e Doutora em Psicologia – Estudos da Subjetividade pela Universidade Federal Fluminense. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional – Faculdade de Medicina – Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: 0000-0002-4864-4310. Email: marciadacosta@medicina.ufrj.br. Telefone: (21) 994973399.
- 5 Graduada em Terapia Ocupacional, Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional – Faculdade de Medicina – Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: 0000-0003-2847-0787. ResearcherID: ABB-6761-2020. Email: biatakeiti@medicina.ufrj.br. Telefone: (21) 999033237.
- 6 Graduado em Terapia Ocupacional, Doutor em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social–EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: 0000-0003-3108-2224. ResearcherID: G-7314-2018. Email: ricardo@medicina.ufrj.br. Telefone: (21) 99177-7202. Endereço para correspondência – Rua Professor Rodolpho Paulo Rocco, s/n, Prédio do Centro de Ciências da Saúde, Bloco K, sala 17, Cidade Universitária – Fundão, Rio de Janeiro, RJ, CEP 21910-590.



inter-relacionam nas redes conceituais dos graduandos, e suas perspectivas indicam uma pluralidade de influências da literatura da Terapia Ocupacional; os achados se aproximam de outras investigações, sugerindo a percepção de sutilezas que relacionam e ao mesmo tempo diferem tais conceitos. Conclusão: Observa-se que há coerência na diferenciação e nas relações entre os conceitos investigados; por outro lado, salienta-se a necessidade de explicitação das diversas conotações que estes conceitos podem assumir diante dos diferentes referenciais teóricos.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de Conceito, Terapia Ocupacional, Atividades Cotidianas, Atividade Humana, Ocupação.

RESUMEN

Introducción: Aunque actividad, cotidiano y ocupación sean objetos centrales de la Terapia Ocupacional brasileña, la literatura sugiere poca consistencia conceptual sobre el tema. Sin embargo, las diferentes teorías psicológicas sobre conceptos pueden aportar diferentes entendimientos sobre este tema. **Objetivo:** Investigar la comprensión de estudiantes de Terapia Ocupacional sobre los conceptos de actividad, ocupación y cotidiano. **Método:** En este estudio cualitativo, 45 estudiantes del último año del curso de Terapia Ocupacional participaron de una prueba de asociación de palabras y los resultados fueron sometidos a análisis de contenido. **Resultados:** Los participantes relacionaron actividad con la práctica de la Terapia Ocupacional, utilizando términos como recurso, instrumento, objetivo, adaptación y análisis. La ocupación se asoció con términos como trabajo, roles y participación. Para cotidiano fueron frecuentes las categorías rutina, día a día y organización/repetición. También hubo el cruce de conceptos y la coocurrencia de algunas categorías, como hacer, ejemplos de actividades y actividades de la vida diaria. **Discusión:** Desde la visión teórica de los conceptos, se discute que actividad, ocupación y cotidiano están interrelacionadas en las redes conceptuales de los estudiantes, y sus perspectivas indican una pluralidad de influencias de la literatura; los hallazgos son similares a otras investigaciones, sugiriendo la percepción de sutilezas que relacionan y al mismo tiempo difieren tales conceptos. **Conclusión:** Se observa que existe coherencia en la diferenciación y en las relaciones entre los conceptos investigados; por otro lado, se enfatiza la necesidad de explicar las distintas connotaciones que estos conceptos pueden asumir frente a diferentes referencias teóricas.

PALABRAS CLAVE

Formación de Concepto, Terapia Ocupacional, Actividades Cotidianas, Actividad Humana, Ocupación.

ABSTRACT

Introduction: Although activity, everyday life and occupation are central objects of the Brazilian Occupational Therapy, there is little conceptual consistency on these themes in the literature. However, different psychological theories about concepts can bring a diversity of understandings on this issue. **Aim:** To investigate the understanding of Occupational Therapy undergraduates, on the concepts of activity, occupation, and everyday life. **Method:** In this qualitative study, a word association test was applied to 45 senior undergraduates of an Occupational Therapy course and the results were subjected to content analysis. **Results:** Participants related activity to Occupational Therapy practice using terms such as resource, instrument, objective, adaptation, and analysis. Occupation was associated with terms such as work, roles, and participation. As for everyday life, the (daily) routine and organization/repetition categories were frequently found. Cross-citation of concepts and co-occurrence of some categories, such as examples of activities, doing, and activities of daily living were also observed. **Discussion:** From a theoretical view of concepts, this study discusses that activity, occupation, and everyday life are interrelated in the undergraduates' conceptual networks, and their perspectives indicate a plurality of influences from the Occupational Therapy literature. Findings corroborate those reported in other inquiries, suggesting the perception of subtleties that simultaneously associate and differentiate such concepts. **Conclusion:** There is consistency in the way undergraduates distinguish and relate the concepts investigated; in contrast, the need to explain the different connotations that these concepts can assume according to different theoretical frameworks is highlighted.

KEYWORDS

Concept Formation, Occupational Therapy, Activities of Daily Living, Human Activity, Occupation.

Recibido: 21/01/2021

Aceptado: 16/05/2022

INTRODUÇÃO

Embora a atividade seja um tema constitutivo da Terapia Ocupacional brasileira, perpassando toda a formação profissional de terapeutas ocupacionais neste país, algumas autoras destacam que ainda há a necessidade de um fortalecimento do campo conceitual sobre o assunto (Figueiredo et al., 2020; Poellnitz & Silva, 2019; Silva, 2013). Na prática e na literatura coexistem diferentes formas de se conceber o objeto e os meios da Terapia Ocupacional, destacando-se o maior uso do termo atividade (Figueiredo et al., 2020; Lima et al., 2013; Salles & Matsukura, 2016). No entanto, são apresentados outros termos, sem que se estabeleça uma relação precisa entre eles, tais como práxis, ação, fazer, cotidiano e ocupação, o que segundo Lima et al. (2013) reforça a inconsistência conceitual sobre o tema no Brasil.

De acordo com Figueiredo et al. (2020), Poellnitz e Silva (2019) e Silva (2013), a pluralidade de termos pode ser positiva ao possibilitar uma riqueza de pensamentos e práticas, mas, por outro lado, dificulta a compreensão mútua entre autores e profissionais, por trazerem implícitas concepções que podem produzir interpretações distintas. Para Benetton (2010), a imprecisão acerca dos conceitos básicos da profissão pode ocasionar conflitos na interpretação e dificuldades na comunicação entre os pares.

Conforme se pode depreender das questões levantadas por essas autoras, maiores investigações sobre estes conceitos são tão pertinentes quanto necessárias. Por isso, este artigo aborda os conceitos de atividade, ocupação e cotidiano na perspectiva de estudantes de graduação em Terapia Ocupacional. Antes, contudo, de apresentar o objetivo e o método deste trabalho, considera-se importante situar o leitor a respeito do uso destes termos na literatura e em investigações prévias, bem como identificar as teorias conceituais que serão utilizadas para embasar a discussão dos achados da presente pesquisa.

Atividade, Ocupação e Cotidiano na Terapia Ocupacional

De acordo com Salles e Matsukura (2016), um fator que complica a compreensão dos termos atividade e ocupação na Terapia Ocupacional é a diferença existente entre a literatura brasileira e a de língua inglesa. Nesta, a

ocupação é vista como promotora do engajamento na vida, envolvendo os significados atribuídos pela cultura e pelo sujeito. Atividade, por sua vez, relaciona-se aos meios utilizados para a melhoria de habilidades, trazendo uma conotação de exercício e de falta de sentido para o sujeito da ação. Neste contexto, o conceito de ocupação é mais amplo que o de atividade, de modo que o primeiro engloba o segundo (American Occupational Therapy Association, 2015). Ademais, considera-se um equívoco igualar ocupação e atividade, sendo este último termo evitado entre terapeutas ocupacionais anglo-saxões (Magalhães, 2013). Nos países latino-americanos de língua espanhola, o termo ocupação também tem sido comumente utilizado para referir-se à prática e à produção de conhecimento que se faz na área. Jara (2018), por exemplo, propõe que se pense a ocupação como um patrimônio da Terapia Ocupacional.

No Brasil, contudo, o termo ocupação foi por muito tempo evitado pelos terapeutas ocupacionais, por ser associado à ideia de preenchimento do tempo livre e manutenção da ordem institucional – herança do tamento moral. Ao surgir como profissão neste país, nos anos 1950, a Terapia Ocupacional foi influenciada pelo modelo positivista, com enfoque na reabilitação física, no treinamento de habilidades e nas atividades da vida diária (AVDS); o termo “atividade terapêutica” foi então usado em contraponto à conotação de ocupação do senso comum. A partir da década de 1980, por influência de autores da psicodinâmica, fortaleceu-se o conceito de atividade como central para a profissão e como parte constituinte da tríade terapeuta-paciente-atividade (Salles & Matsukura, 2016).

A participação no movimento de desinstitucionalização psiquiátrica conduziu a uma reflexão sobre o papel da profissão na manutenção da lógica institucional e, sob influência da concepção materialista-histórica, a literatura das décadas de 1980 e 1990 passou a utilizar termos como práxis, atividade humana e cotidiano, enfatizando a contextualização histórica e social do sujeito e de seu fazer (Salles & Matsukura, 2016). De acordo com Galheigo (2003), o conceito de cotidiano incorporou elementos como a subjetividade, a cultura, a história e o poder social, representando “[...] uma mudança radical na proposição teórico-metodológica da terapia ocupacional” (p. 108), com a pretensão de transformar o conceito de AVD, considerado a-histórico e descontextualizado. Não obstante os autores de língua inglesa articulem o cotidiano ao conceito de ocupação (Salles



& Matsukura, 2015), Drummond (2007, p. 16) enfatiza que a concepção de cotidiano desenvolvida no Brasil “[...] não signfica o conjunto das áreas de desempenho ocupacional descritas na literatura americana”.

De modo semelhante, a visão de atividade humana adotada no Brasil se aproxima da concepção de ocupação dos autores de língua inglesa, mas não se pode traduzir um termo pelo outro, visto que possuem construções históricas e significados distintos. Por outro lado, mais recentemente e por influência da ciência ocupacional, o termo ocupação também tem sido usado por autores brasileiros (Figueiredo et al., 2020; Salles & Matsukura, 2016). Contudo, diferentemente do que ocorre em outros países da América Latina, em que é majoritário o uso do termo ocupação, no Brasil prevalece o uso do termo atividade (Lima et al., 2011).

Embora algumas pesquisas tenham sido realizadas a respeito do uso destes termos na literatura da Terapia Ocupacional (Figueiredo et al., 2020; Lima et al., 2011; Lima et al., 2013; Magalhães, 2013; Salles & Matsukura, 2013, 2015 e 2016), poucos estudos empíricos foram desenvolvidos sobre o tema no Brasil. Um primeiro estudo foi realizado por Toyoda e Akashi (1993) que, ao investigar as concepções de oito docentes de Terapia Ocupacional de uma universidade paulista, encontraram os seguintes dados: a atividade relacionava-se à ação/fazer; a atividade terapêutica era considerada meio e determinada por objetivos; o termo ocupação foi relacionado à ação e expressão humana, mas também trouxe aspectos negativos, associados à ideia de produção – como preenchimento do tempo e condicionamento.

Outras três pesquisas envolvendo os mesmos 14 terapeutas ocupacionais que realizavam residência profissional no interior de São Paulo, avaliaram os conceitos de ocupação, cotidiano e atividade. Quanto à ocupação, observou-se a associação com o fazer, trabalho, atividade, ocupação do tempo, papel desempenhado, entre outros (Zanoni, 2013). Para o cotidiano, as categorias mais frequentes foram dia a dia, rotina diária, atividades, afazeres e hábitos (Gomes, 2013). Atividade associou-se com fazer/ação e instrumento de trabalho da Terapia Ocupacional, embora o termo ocupação também tenha sido citado (Silva, 2013). Contudo, deve-se ponderar os resultados diante do pequeno número de sujeitos, o que, acrescido da escassez de estudos, indica a necessidade de mais investigações sobre o tema.

Teorias sobre conceitos.

Ao se abordar temas relacionados a conceitos, deve-se considerar que o próprio entendimento sobre o que é um conceito influencia sobremaneira na compreensão acerca do tema. Porém, pode-se notar que frequentemente o termo conceito é utilizado sem que se identifique a concepção que orienta o seu uso. Isso decorre do fato de que uma única visão psicológica de conceitos prevaleceu por muito tempo, tornando-se um pressuposto autoevidente (Lomônaco, 1997).

Hoje conhecida como visão clássica, esta baseia-se no realismo aristotélico ao afirmar que as coisas possuem em si essências, de modo que todos os membros de uma dada categoria teriam atributos comuns, denominados atributos definidores; assim, formar um conceito seria o mesmo que abstrair as características que se repetem dentro de um grupo de objetos, ignorando as características variáveis. Por isso, os conceitos teriam a forma de definições e, por refletirem o mundo externo, seriam precisos e bem delimitados. Conceitos seriam também estáveis, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, ou seja, a partir do momento em que um indivíduo formasse um conceito, este não mudaria mais; por outro lado, todos os sujeitos teriam um mesmo conceito acerca de um determinado objeto ou evento (Cazeiro, 2013; Cazeiro & Lomônaco, 2016; Lomônaco, 1997; Smith & Medin, 1981).

Foi apenas na década de 1970, com o desenvolvimento de duas visões conceituais (visões prototípica e dos exemplares), que as limitações da visão clássica passaram a ser questionadas, levando ao entendimento de que os conceitos evoluem, modificam-se de acordo com as experiências das pessoas. Ao postular a inexistência de atributos essenciais inerentes às coisas do mundo, entendeu-se que os limites das categorias não são muito exatos e os conceitos construídos por diferentes pessoas podem ser diferentes entre si (Cazeiro & Lomônaco, 2016; Kéri, 2003). Diante da impossibilidade de se definir com precisão a grande maioria dos conceitos, passou-se a questionar também a forma que estes tomam na mente humana, de modo que eles poderiam ser representados por meio de imagens sumárias (protótipos) ou até mesmo por exemplares da categoria, com as quais o sujeito teve contato ao longo da vida (Lomônaco, 1997; Smith & Medin, 1981).

A partir da década de 1980, desenvolveu-se uma outra forma de se compreender os conceitos—a visão teórica. De acordo com esta concepção, ao formar conceitos, os sujeitos levam em conta os conhecimentos que possuem a respeito do mundo —suas teorias— sejam elas de origem científica ou formadas pelas vivências pessoais. Assim, acredita-se que cada conceito traga de forma subjacente uma ou mais crenças ou teorias explanatórias, que explicam não só o conceito em si, mas também a sua relação com outros conceitos. Como consequência, acredita-se que todo conceito se encontra inserido em uma rede conceitual; por isso, não é possível compreendê-lo de maneira isolada, sem que se entenda a sua relação com outros conceitos dentro de seu domínio de conhecimentos (Cazeiro & Lomônaco, 2016; Keil, 2008; Lomônaco, 1997; Lomônaco et al., 2006; Oliveira, 1994).

Por não haver unanimidade sobre as visões conceituais, torna-se imprescindível identificar os referenciais utilizados quando se aborda um tema que envolva conceitos, já que cada visão traz consigo implicações teóricas e práticas diversas. Deste modo, nesta pesquisa, a discussão dos resultados terá como base a visão teórica.

Questões, objetivo e hipótese

Diante das dificuldades arroladas por diferentes autoras no que tange ao uso de conceitos fundamentais para a Terapia Ocupacional brasileira (Benetton, 2010; Figueiredo et al., 2020; Lima et al., 2011; Lima et al., 2013; Poellnitz & Silva, 2019; Salles & Matsukura, 2016; Silva, 2013), os autores deste artigo passaram a se indagar sobre as suas implicações para a formação profissional de terapeutas ocupacionais. Neste sentido, questionava-se: embora a literatura indique certa inconsistência ao abordar esses temas, é possível ao estudante de Terapia Ocupacional desenvolver os conceitos de atividade, ocupação e cotidiano? É possível identificar alguma semelhança na forma como os estudantes entendem e elaboram tais conceitos? Há diferenças na compreensão destes três termos, ou eles coincidem entre si? Que concepções teóricas da Terapia Ocupacional sustentam a formação destes conceitos?

Assim, este trabalho teve o objetivo de investigar a compreensão de estudantes de Terapia Ocupacional acerca dos conceitos de atividade, ocupação e cotidiano. Tendo em vista que a literatura aponta para uma

inconsistência conceitual na Terapia Ocupacional brasileira, partindo-se deste referencial teórico, a hipótese mais provável era a de que as concepções dos estudantes refletiriam tal inconsistência.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que teve como sujeitos 45 discentes do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional de uma universidade pública brasileira. A idade média dos participantes foi de 25,75 anos (min. = 21, máx. = 58), sendo 40 do sexo feminino. Foram incluídos os estudantes matriculados regularmente no último ano (a partir do sétimo período) do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, com idade igual ou superior a 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídos os alunos que cursaram previamente outro curso da área da saúde.

A coleta de dados foi realizada em 2017 e 2018, por meio da aplicação de um teste de associação de palavras, no qual os sujeitos deveriam, a partir de palavras indutoras, associar palavras induzidas de forma rápida e livre (Bardin, 2016). Os procedimentos utilizados foram semelhantes aos apresentados por Lomônaco, Cazeiro e Ferreira (2006), com a utilização de blocos de papel contendo quatro páginas. Na primeira página, eram apresentadas as instruções. Pedia-se para o estudante abrir uma página por vez e, no período de 90 segundos, escrever todas as palavras que lhe viessem à mente diante do termo apresentado. Na parte superior das demais páginas, constavam isoladamente os termos atividade, ocupação e cotidiano, sendo a ordem alternada entre os participantes.

Dois docentes e dois discentes do curso de graduação realizaram, separadamente, a coleta de dados de forma presencial, em um único encontro com os sujeitos de cada turma. Inicialmente, os estudantes eram convidados a participarem de forma voluntária, sendo feita uma explicação dos objetivos e métodos da pesquisa, a leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a elucidação das dúvidas. Após o recolhimento do TCLE assinado pelos estudantes que aceitavam participar, o pesquisador distribuía os blocos de papel utilizados na pesquisa, realizava a leitura conjunta das instruções e computava o tempo de resposta com a utilização de um cronômetro.



Para a análise dos dados, foi utilizado o método da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 44). Busca-se, a partir de indicadores (quantitativos ou qualitativos) obtidos através da análise das mensagens, inferir conhecimentos referentes às condições de sua produção ou recepção.

Nesta pesquisa, as respostas foram digitadas separadamente para cada termo avaliado, sendo cada participante identificado por um número. As respostas foram lidas individualmente por três pesquisadores, com o objetivo de identificar categorias que permitissem o agrupamento dos dados obtidos para cada conceito, evitando-se fazer a interpretação dentro de um referencial teórico específico. Após a leitura individual, as categorias foram discutidas de forma conjunta pelos pesquisadores, para que fossem escolhidas consensualmente aquelas a serem utilizadas na pesquisa. No processo de categorização, as palavras consideradas similares foram agrupadas e foram seguidos os princípios da homogeneidade (não se misturando diferentes coisas em uma mesma categoria), exclusividade (um termo não era classificado em mais do que uma categoria) e exaustividade (todos os dados obtidos foram categorizados) (Bardin, 2016).

Após a organização das respostas nas categorias escolhidas, foram excluídas aquelas que apresentaram menos de quatro respostas. A partir das categorias resultantes, foi elaborado um mapa conceitual por meio do programa *Cmap Tools*, disponibilizado pelo *Florida Institute for Human & Machine Cognition* (IHMC) no endereço eletrônico <https://cmap.ihmc.us>. Os dados foram tratados de maneira conjunta, não sendo possível identificar as informações fornecidas individualmente, nem os sujeitos participantes da pesquisa.

O projeto foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o protocolo nº 70365917.2.1001.5257, e os procedimentos adotados respeitaram os padrões éticos previstos na Declaração de Helsinque (atualizada em 2013). Aos estudantes era dada a opção de participar ou não do estudo, bem como retirar o seu consentimento a qualquer momento. Ademais, os blocos de papel utilizados na pesquisa não apresentavam o nome do respondente, os quais poderiam ser devolvidos sem respostas pelos estudantes que

eventualmente se sentissem desconfortáveis com a participação. Os participantes autorizaram a publicação dos resultados, desde que respeitada a confidencialidade de sua identidade.

RESULTADOS

Na Tabela 1 são apresentadas as categorias criadas para o conceito de atividade. Enquanto algumas categorias possibilitam explicitar diretamente o seu conteúdo, outras podem não refletir tão facilmente o que os graduandos apresentaram em suas respostas, de modo que apenas estas serão explicadas mais detalhadamente.

TABELA 1 CATEGORIAS FORMADAS NA ANÁLISE DO CONCEITO DE ATIVIDADE

Categoria	Frequência
Exemplos de atividade	35
Fazer	24
Processos da Terapia Ocupacional	16
AVDs	14
Ocupação	12
Objetivo	9
Outras formas de relação com a TO	9
Significado	9
Funcionalidade/desempenho	9
Emoções	8
Lazer	8
Trabalho	8
Ação	7
Recurso	6
Meio	6
Ambiente	5
Produção	5
Realizar	4
Instrumento	4
Exercício	4
Viver	4

Fonte: elaborado pelos autores.

O maior número de respostas foi obtido na categoria “Exemplos de atividade” [35 respostas], na qual foram

incluídas palavras como passear, sono e dirigir. A categoria “Fazer” obteve uma frequência expressiva [24], bem como “Processos da Terapia Ocupacional” [16], que incluía aspectos referentes à intervenção terapêutica ocupacional (ex. adaptação, análise de atividades, gradação, planejamento). Apesar de referirem-se a exemplos de atividades, “AVDs” [14], “Lazer” [8] e “Trabalho” [8] foram mantidas como categorias independentes, devido ao número de respostas. Outras categorias que merecem destaque são “Objetivo” [9], “Recurso” [6], “Meio” [6] e “Instrumento” [4], que dizem respeito a diferentes formas de se relacionar as atividades à Terapia Ocupacional; por não atingirem o número mínimo de respostas, algumas palavras também referentes a este aspecto foram agrupadas na categoria “Outras formas de relação com a TO” [9], tais como: mediadora, objeto de trabalho e elemento do cuidado. A Tabela 2 apresenta as categorias elaboradas para o conceito de ocupação.

TABELA 2 CATEGORIAS FORMADAS NA ANÁLISE DO CONCEITO DE OCUPAÇÃO

Categoria	Frequência
Trabalho	30
Exemplos de atividade	26
Fazer	19
Atividade	16
Ambiente	14
Participação	10
Papéis	10
AVDs	10
Lazer	9
Exemplos de papéis	9
Ocupar	8
Identidade/singularidade	8
Cotidiano	6
Ação	6
Significado	5
Humana	5
Objetivo	4
Objeto	4
Tempo	4

Fonte: elaborado pelos autores.

Embora as categorias “Exemplos de atividades” e “Fazer” também tenham obtido um número grande de respostas [26 e 19 respostas, respectivamente], a categoria “Trabalho” foi a que obteve o maior número de citações [30]. Na categoria “Ambiente”, foram incluídas palavras como casa, território e espaço. A categoria “Papéis” [10] abarcou os termos papel, papel social e papel ocupacional; em “Exemplos de papéis” [9], foram inseridas respostas como estudante, cozinheira e mãe. A Tabela 3 apresenta as categorias elaboradas para o conceito de cotidiano.

TABELA 3 CATEGORIAS FORMADAS NA ANÁLISE DO CONCEITO DE COTIDIANO

Categoria	Frequência
Rotina	29
Dia a dia	24
Organização/repetição	18
AVDs	13
Fazer	13
Trabalho	12
Ocupação	11
Atividade	10
Exemplos de atividades	10
Ambiente	10
Lazer	8
Viver	8
Relação	8
Social	7
Produção	7
Compromisso	6
Tarefas	6
Sujeitos	6
Hábitos	5
Participação	5
Funcionalidade/desempenho	5
Escolhas	5

Fonte: elaborado pelos autores.

Para o conceito de cotidiano, a categoria que obteve a maior frequência de respostas foi “Rotina” [29 respostas], seguida das categorias “Dia a dia” [24] e “Organização/



Repetição” [18]; nesta, foram também incluídos termos como etapas, frequente, regularidade e sequenciamento. A categoria “Relação” [8] abarcou termos como integrar, vínculo e encontro, enquanto a categoria “Social” [7] incluiu sociedade, coletividade e cultural. Visto que algumas categorias foram recorrentes entre os conceitos investigados, a Tabela 4 apresenta uma comparação entre eles.

TABELA 4 COMPARAÇÃO ENTRE AS CATEGORIAS RECORRENTES NAS ANÁLISES DOS CONCEITOS DE ATIVIDADE, OCUPAÇÃO E COTIDIANO

Categoria	Atividade	Ocupação	Cotidiano
Exemplos de atividade	35	26	10
Fazer	24	19	13
Trabalho	8	30	12
AVDs	14	10	13
Ambiente	5	14	10
Lazer	8	9	8
Objetivo	9	4	-
Significado	9	5	-
Ação	7	6	-
Ocupação	12	-	11
Viver	4	-	8
Produção	5	-	7
Funcionalidade/ desempenho	9	-	5
Atividade	-	16	10
Participação	-	10	5

Fonte: elaborado pelos autores.

Embora tenham ocorrido na análise dos três conceitos, as categorias “Trabalho” e “Ambiente” foram mais citadas para o termo ocupação, e as categorias “Exemplos de Atividades” e “Fazer” foram mais mencionadas para atividade. As categorias “AVDs” e “Lazer” também foram encontradas nos três conceitos, tendo frequências similares. Ademais, deve-se salientar a relação entre os conceitos analisados, com a categoria “Atividades” citada nos conceitos de ocupação e cotidiano, e a categoria “Ocupação” citada na análise dos outros dois termos;

a categoria “Cotidiano”, por sua vez, esteve presente apenas na análise do conceito de ocupação.

Na Figura 1, buscou-se sintetizar os resultados obtidos, por meio de um mapa conceitual. As linhas indicam as relações entre os conceitos e as categorias a eles associadas pelos estudantes. Ao centro, encontram-se as categorias relacionadas aos três conceitos, posicionadas mais próximas ao conceito em que obtiveram as maiores frequências de citação. Lateralmente foram inseridas as categorias associadas a dois conceitos, e foram posicionadas isoladamente as categorias citadas para apenas um dos conceitos investigados. Devido ao pouco espaço, as palavras foram agrupadas apenas para facilitar a representação gráfica.

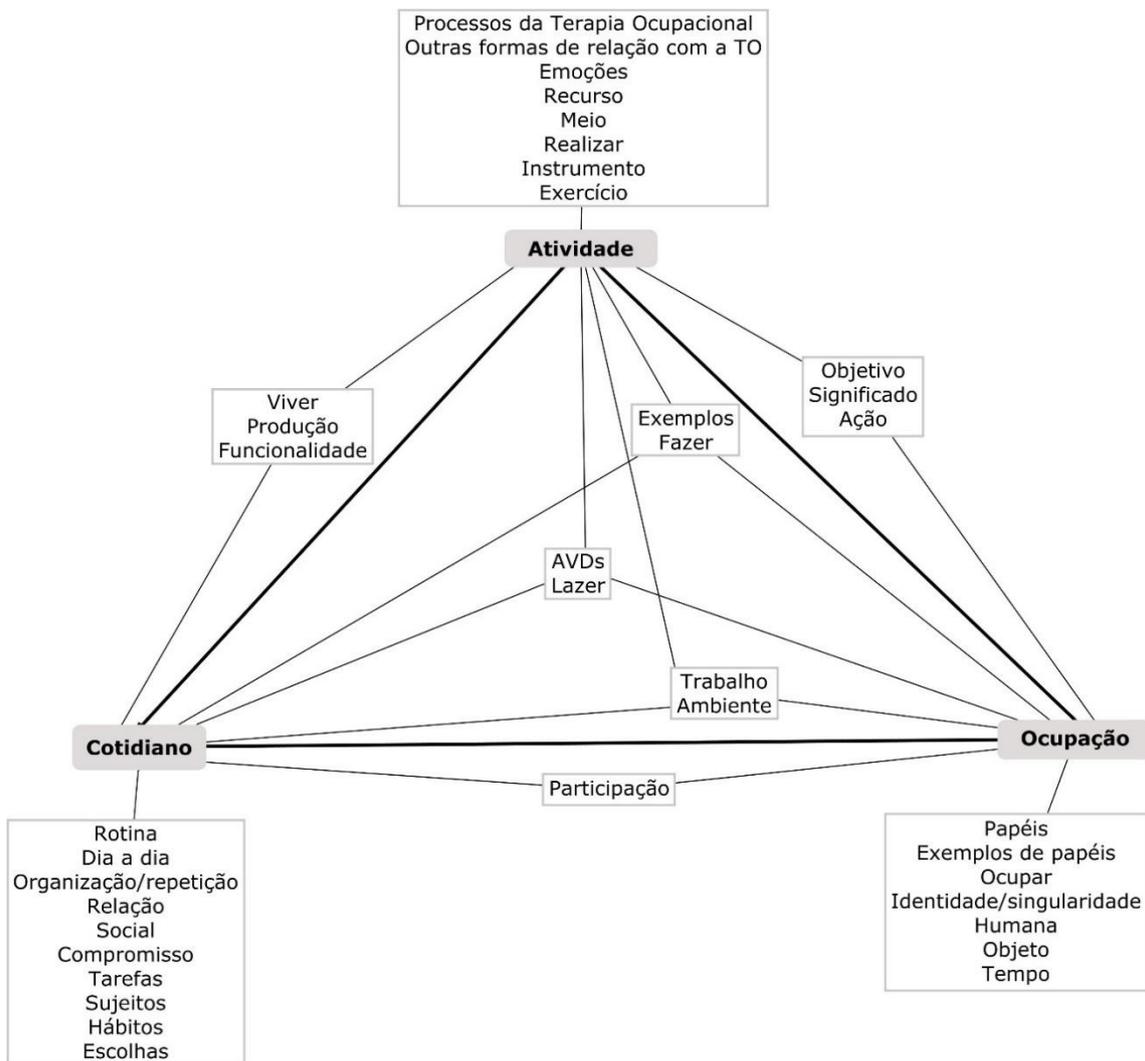
DISCUSSÃO

Por ter-se tornado um pressuposto autoevidente, a visão clássica ainda embasa as reflexões a respeito de conceitos em diferentes áreas de conhecimento, estando subjacente a diversas teorias da aprendizagem e desenvolvimento humano (Cazeiro & Lomônaco, 2016). Pode-se supor, inclusive, que quando se menciona o termo “conceito” sem situá-lo diante das visões conceituais, parte-se da pressuposição de que haveria uma única forma de compreendê-los.

Deste modo, deve-se indagar como a afirmação da existência de uma inconsistência conceitual na Terapia Ocupacional pode ser interpretada, a depender do referencial utilizado. Certamente, ao se partir da visão clássica, seria de se esperar que os conceitos fossem bem definidos, bem delimitados e encontrassem unanimidade entre os autores e profissionais. Diante disso, qualquer discordância a respeito da definição de um conceito, seria entendida como uma falha no processo de sua formação ou, no caso de um campo de investigação, como incoerência teórica e falta de articulação entre os estudiosos.

Porém, Lomônaco (1997) e Smith e Medin (1981) alertam sobre a impossibilidade de se especificar os atributos definidores de muitos conceitos, bem como apontam para a imprecisão quanto aos limites das categorias. Deste modo, divergências em relação aos conceitos podem ser percebidas como algo inerente aos conceitos em si, não sendo uma exclusividade e,

FIGURA 1 MAPA CONCEITUAL BASEADO NAS RESPOSTAS DOS ESTUDANTES (FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES POR MEIO DO PROGRAMA *CMAP TOOLS*)



ao mesmo tempo, uma falha da Terapia Ocupacional. A este respeito, Magalhães (2013) afirma que, embora seja importante a reflexão acerca da linguagem utilizada na profissão, a adoção de concepções universais pode ser improvável, visto a complexidade do objeto de estudo e a pluralidade cultural.

Tendo isso em mente, neste artigo, a visão teórica será utilizada como base para a discussão dos conceitos em tela. Tal visão pressupõe que os conceitos são intrinsecamente relacionais, sendo impossível compreendê-los

isoladamente; deve-se, com isso, considerar as teorias explanatórias que mantêm os conceitos unidos em redes conceituais. Ademais, parte-se de uma compreensão de que as visões conceituais não são mutuamente excludentes, mas dizem respeito a diferentes facetas dos conceitos, de modo que estes vão além de sua estrutura semântica (significado da palavra), comportando também imagens mentais sumárias e exemplares (Cazeiro, 2013; Lomônaco, 1997; Keil, 2008; Smith & Medin, 1981).



Partindo-se deste entendimento, a seguir os dados obtidos nesta pesquisa serão discutidos com base na literatura, de forma a se buscar aproximações entre as palavras associadas aos conceitos investigados e os referenciais teóricos da Terapia Ocupacional. Antes, contudo, deve-se fazer uma ponderação a respeito do método utilizado nesta investigação: durante a aplicação do teste de associação de palavras, não houve propositalmente uma instrução quanto ao tipo de palavra a ser evocada pelos participantes; não foi solicitada, por exemplo, a definição dos conceitos analisados. Assim, deve-se considerar que os estudantes podem ter evocado atributos do conceito em si (relacionados a suas características ou definições), assim como podem ter mencionado conceitos que fazem parte de sua rede de relações, ou exemplos que compõem a categoria em questão.

Tal situação pode ser observada no fato de que a categoria “Exemplos de atividade” obteve o maior número de respostas, quando considerados os três conceitos analisados nesta pesquisa. Ou seja, diante das palavras atividade, ocupação e cotidiano, os sujeitos relacionaram com frequência termos como brincar, artesanato e sexo.

Na literatura, também é possível notar a citação de exemplos ao se mencionar estes conceitos, como é o caso de Lima et al. (2013), ao explicarem:

[...] as atividades indicam campos da produção cultural, compreendendo um conjunto de hábitos, técnicas, instrumentos, materiais, formas socialmente estabelecidas de fazer e conhecimentos historicamente constituídos. É nesse sentido que podemos falar da atividade de pintura, de dança, de marcenaria [...] (p. 250-1).

De modo semelhante, a ocupação pode ser classificada em “[...] atividades de vida diária (AVD), atividades instrumentais de vida diária (AIVD), descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer e participação social” (American Occupational Therapy Association, 2015, p. 6). No que se refere à vida cotidiana, Heller (2014) também cita exemplos de atividades que a compõem e afirma: “A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea, e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e significação ou importância de nossos tipos de atividades” (p. 32).

No que tange à relação entre os conceitos de atividade, cotidiano e ocupação, os dados desta pesquisa indicam que estes conceitos se encontram relacionados nas redes conceituais dos estudantes. Isso pode ser ressaltado tanto pela coocorrência de algumas categorias na análise dos três conceitos, quanto pela citação cruzada entre os conceitos investigados. De forma análoga, alguns autores os diferenciam e relacionam entre si. De acordo com Lima et al. (2011) “o cotidiano seria uma construção singular de cada sujeito, composta de atividades das diferentes áreas” (p. 72). Salles e Matsukura (2015) afirmam que “o cotidiano é entendido por meio do fazer e das expressões da ocupação” (p. 207); em outra publicação (Salles & Matsukura, 2016), as mesmas autoras citam, “a ocupação denota engajamento na vida que é construído a partir de múltiplas atividades” (p. 20).

Figueiredo et al. (2020) também encontraram relações entre estes termos na literatura brasileira, indicando que as atividades fazem parte das ocupações. Para Pedral e Bastos (2008), não existe ocupação sem atividade e vice-versa. A ocupação refere-se aos papéis desempenhados pelo sujeito dentro do cotidiano, e esses papéis só são possíveis devido à realização de atividades. Sobre este aspecto, é importante ressaltar que os sujeitos desta pesquisa também relacionam “Papéis” e “Exemplos de papéis” à ocupação.

Embora possam ser considerados exemplos de atividades ou tipos de ocupações, “Trabalho”, “AVDs” e “Lazer” foram tratados individualmente nesta pesquisa, devido à quantidade de citações. A categoria “Trabalho” teve uma frequência expressivamente maior para o conceito de ocupação. De acordo com Salles e Matsukura (2016), no início da profissão, a ocupação era conceituada como trabalho e o objetivo da intervenção era o retorno ao mercado de trabalho. Um outro aspecto que pode ter influenciado nas respostas é que, no Brasil, o termo saúde ocupacional está relacionado à saúde do trabalhador.

No que concerne ao termo “AVDs”, embora alguns autores discutam que a ideia de cotidiano surgiu com a pretensão de substituí-lo (Drummond, 2007; Francisco, 1988; Galheigo, 2003), tal discussão não se reflete nesta pesquisa, visto que esta categoria esteve presente na análise dos três conceitos em tela. Assim, este dado corrobora com discussões acerca da importância das AVDs na Terapia Ocupacional, devendo-se considerar que as atividades diárias estão presentes desde os

primórdios da profissão e se encontram na maioria de suas definições, fazendo parte da identidade profissional (Cazeiro et al., 2011).

Na Terapia Ocupacional brasileira, termos como ação e fazer encontram-se interligados com o termo atividade (Lima et al., 2011), fato que pode ser observado na presente pesquisa, havendo um destaque para a categoria “fazer”, que ocorreu na análise dos três conceitos investigados e foi a segunda categoria mais citada para o conceito de atividade. De modo semelhante, Toyoda e Akashi (1993), Zanoni (2013) e Silva (2013) encontraram associação entre os termos ação/fazer, atividade e ocupação.

Lima et al. (2013) sugerem uma inclinação dos autores brasileiros ao uso do termo “ação” em comparação com “fazer”, o que não ocorreu entre os sujeitos desta pesquisa, que mencionaram com mais frequência o segundo termo. Ação e fazer dizem respeito a um gesto singular, ao processo e ao acontecimento, remetendo ao sujeito que está presente no ato, que realiza ao seu modo a atividade. Pedral e Bastos (2008) destacam que “a atividade em si nada representa sem a integração do movimento mental (pensar e sentir) com o movimento motor (fazer)” (p. 13). A atividade possui um papel fundamental na vida do sujeito, vida esta que é “essencialmente ação” (pág. 9).

Tal como estas autoras, nesta pesquisa os sujeitos relacionaram a atividade e o cotidiano com termos como vida e existência, incluídos na categoria “Viver”. Neste sentido, Salles e Matsukura (2013) afirmam: “Os acontecimentos marcantes da vida estão impressos no cotidiano, as transformações ocorridas com os sujeitos, assim como a continuidade de sua história de vida, acontecem no cotidiano” (p. 270). Castro et al. (2001) também articulam os conceitos de atividade, cotidiano e vida, ao afirmarem:

As atividades auxiliam no trabalho de organização e cuidado do cotidiano, chegando mesmo a apresentar a função de sua estruturação, e ao mesmo tempo favorecem uma instrumentalização técnica dos sujeitos, capacitam para a vida, configuram-se como redes de sustentação para a construção da autonomia e da independência, promovendo a convivência e a contextualização do sujeito na cultura e na sociedade (p. 49).

Considerando-se que a atividade vem sendo utilizada com mais frequência no Brasil para caracterizar o objeto de estudo e a prática da Terapia Ocupacional (Figueiredo et al., 2020; Lima et al., 2013; Salles & Matsukura, 2016), pode-se perceber este aspecto nas respostas dos sujeitos, devido ao surgimento das categorias “Processos da Terapia Ocupacional”, “Objetivo”, “Outras formas de relação com a TO”, “Recurso”, “Meio” e “Instrumento”. Na categoria “Processos da Terapia Ocupacional” foram incluídos termos como adaptação, análise e gradação. Segundo Castro et al. (2004), a análise de atividades foi o primeiro procedimento utilizado na busca de uma legitimação científica da Terapia Ocupacional, e é uma condição indispensável para a seleção, adaptação e gradação das atividades.

Lima et al. (2013) discutem a diversidade de formas como as atividades são relacionadas à Terapia Ocupacional, sendo comum descrevê-las como objetos, recursos ou instrumentos. Para Benetton e Marcolino (2013), não é adequado qualificar as atividades como recursos, já que estes podem ser substituídos ou abandonados; os recursos seriam técnicas ou dispositivos utilizados para facilitar a realização de atividades, como adaptações e órteses. Nesta concepção, a atividade, instrumento específico da Terapia Ocupacional, não pode ser substituída, já que compõe a tríade terapeuta-paciente-atividade, mediando a relação terapêutica. Figueiredo et al. (2020) também observaram que as atividades são descritas na literatura brasileira como instrumento da profissão.

De acordo com Cazeiro e Peres (2010), as atividades são instrumentos quando utilizadas com a intenção de se alcançar objetivos específicos; mas quando se busca favorecer a realização pelo sujeito das atividades de seu interesse ou necessidade, as atividades passam a ser o próprio objetivo da intervenção. Feriotti (2013) delimita a atividade humana ou a ocupação como o objeto da Terapia Ocupacional, e explica que, ao longo da história da profissão, a atividade/ocupação foi ora considerada finalidade, ora meio/instrumento/recurso; com o desenvolvimento de discussões e métodos “[...] para tratar o fazer humano através deste mesmo fazer”, a atividade passou a ser entendida simultaneamente como meio e fim (p. 47).

Nas respostas relacionadas ao cotidiano, as categorias que obtiveram mais citações foram “Rotina”, “Dia a dia” e “Organização/repetição”, que parecem se relacionar



com “Hábitos”. No que tange à literatura, algumas vezes é considerada uma relação positiva e outras vezes negativa entre estas categorias e o cotidiano. Como já mencionado, Castro et. al. (2001) falam da função que as atividades exercem na organização e estruturação do cotidiano e citam Certeau (2014) ao afirmarem: “[...] o cotidiano é aquilo que é dado a cada dia. São as atividades e questões rotineiras que compõem os acontecimentos diários da vida dos indivíduos”. Ao citarem Heller (2014), também afirmam: “[...] é a vida de todos os dias, de todos os homens; é o mundo da rotina em que a repetição das atividades permite a recriação permanente da vida social” (p. 49).

Já Francisco (1988) discute que “o cotidiano não é rotina, não é a simples repetição mecânica de ações que levam a um fazer por fazer. O cotidiano é o lugar onde buscamos exercer nossa atividade prática transformadora, é o social; é o contexto que vivemos” (p. 86). Por sua vez, Salles e Matsukura (2015) ponderam que a rotina e repetição podem trazer um sentido ao cotidiano:

A rotina, a vida cotidiana que se repete, por um lado, pode causar a sensação de tédio e vazio, de mesmice e falta de ocupações interessantes. A vida cotidiana pode ser aprisionada na rotina, sem espaço para que ocorram mudanças. Por outro lado, a rotina pode ser um elemento que ajuda as pessoas a se organizarem, a ter a sensação de continuidade da vida, e se sentirem seguras em relação às ocupações que realizam todos os dias (p. 205).

Quanto à categoria “Hábitos”, pode-se remontar à história da Terapia Ocupacional, pois o primeiro paradigma da profissão foi denominado “treinamento de hábitos”; com o tempo, passou-se a entender que os hábitos e rotinas constituem algo maior, o cotidiano. Contudo, em ambas as concepções, “a exclusão social é o ponto de partida para se pensar o sujeito-alvo da Terapia Ocupacional”, de modo que, na construção do cotidiano, move-se constantemente entre o individual e o social (Benetton, 2010, p. 37).

De modo semelhante, também foi encontrada nesta pesquisa uma proximidade entre o cotidiano e os termos “Relação”, “Social” e “Sujeitos”. Sobre este tema, Salles e Matsukura (2015) afirmam: “[...] o olhar sobre o cotidiano se coloca na articulação dos aspectos singulares e sociais do sujeito, delimitados por um

determinado espaço e tempo, ou seja, um determinado processo histórico e social” (p. 208). Galheigo (2003), ao refletir sobre o cotidiano, discute que o social é apresentado como elemento de crítica à corrente positivista, e institui uma possibilidade de “[...] nos atermos aos significados que as pessoas dão às suas experiências, isto é, a compreensão e interpretação que fazem de sua realidade social” (p. 108).

A categoria “Participação” ocorreu na análise tanto do conceito de cotidiano quanto no de ocupação, tendo maior incidência neste último. Para AOTA (American Occupational Therapy Association, 2015), que traz a ocupação como conceito central, a participação se relaciona ao envolvimento nas situações da vida, enquanto participação social supõe envolvimento em situações sociais ou atividades com familiares, amigos e comunidade. Sobre este aspecto, Salles e Matsukura (2015) discutem que, na literatura de língua inglesa, “[...] os estudos abrangem contextos e situações em enfoque micro, ou seja, no casal, família, comunidade próxima”; já na literatura brasileira, as discussões envolvem “[...] realidades socioeconômicas, o alcance ou limites de políticas públicas” (p. 205).

Outro termo muito enfatizado pela AOTA e que se relaciona frequentemente à ocupação é desempenho (Salles & Matsukura, 2015). Neste contexto, desempenho ocupacional seria o ato de realizar uma ação, atividade ou ocupação (American Occupational Therapy Association, 2015). De modo distinto, nesta pesquisa, a categoria “Funcionalidade/desempenho” ocorreu apenas na análise dos conceitos de atividade e cotidiano, não sendo associada pelos sujeitos ao conceito de ocupação.

Conforme é possível depreender, as perspectivas dos graduandos parecem estar ancoradas em diferentes referenciais teóricos. A diversidade de construções teóricas relacionadas ao uso do termo atividade na literatura da Terapia Ocupacional brasileira também é apontada por Figueiredo et al. (2020).

Contudo, de modo distinto do que foi hipotetizado anteriormente, os autores deste trabalho acreditam que os resultados não sugerem uma inconsistência conceitual. É possível notar que as concepções dos estudantes indicam tendências no modo de compreender os conceitos investigados que ao mesmo tempo permitem identificar uma diferenciação entre os termos e refletem

a relação existente entre eles no domínio de conhecimentos do qual fazem parte. Tais achados se aproximam e ampliam aqueles encontrados em pesquisas anteriores (Gomes, 2013; Silva, 2013; Toyoda & Akashi, 1993; Zanoni, 2013).

O mapa conceitual apresentado na Figura 1 possibilita, neste sentido, observar as relações entre os conceitos investigados e as categorias a eles associados. Tal imagem corresponde à análise dos autores deste trabalho diante dos dados encontrados e não pode ser generalizada, como tampouco espelha as representações mentais dos sujeitos individualmente. Porém, a partir do mapa elaborado, pode-se sugerir que há uma homeostase causal quando se considera as concepções dos estudantes participantes desta pesquisa em relação aos termos atividade, ocupação e cotidiano.

A homeostase causal é o que fornece coerência aos conceitos e possibilita um equilíbrio nas relações entre eles, dentro de um domínio de conhecimentos. Isso é possível graças às teorias explanatórias e crenças que sustentam os conceitos, que formam a rede de conexões entre eles, por meio de relações causais, tornando-os inter-relacionados e fazendo com que se reforcem mutuamente. Tal equilíbrio, contudo, é mais dinâmico do que estável, já que a rede conceitual pode ser reorganizada com a aprendizagem de novas informações (Keil, 1989; Lomônaco, 1997; Lomônaco et al., 2006).

É de se esperar, portanto, que os conceitos e suas relações se diferenciem quando novos elementos são incluídos, ou quando são consideradas diferentes teorias que podem sustentar estas relações. Por isso, torna-se uma tarefa infrutífera buscar conceitos uníssonos em áreas de conhecimento cujos objetos de estudo são complexos e permitem abordagens e perspectivas diversas.

De acordo com Poellnitz e Silva (2019) e Figueiredo et al. (2020), as diferentes concepções que convivem na produção teórica da Terapia Ocupacional são resultado da construção de conhecimentos e práticas que buscaram responder às demandas apresentadas à profissão ao longo de sua história. A polissemia, assim, é característica de um campo que é marcado por práticas e saberes diversos.

Neste aspecto, deve-se considerar que a Terapia Ocupacional já se constituiu de forma múltipla e a diversidade de concepções é necessária frente às diversas

realidades apresentadas pelos sujeitos, principalmente quando se considera um país com proporções continentais, como o Brasil (Cazeiro et al., 2017). Por este motivo, ao refletir sobre conceitos centrais à Terapia Ocupacional brasileira, os autores deste artigo não defendem o enfrentamento à diversidade, mas acreditam na necessidade de se estudar e explicitar as diferentes concepções, o que pode favorecer a coesão conceitual e o fortalecimento do arcabouço teórico da Terapia Ocupacional.

CONCLUSÃO

Com os resultados desta pesquisa, foi possível observar que os graduandos relacionam a atividade mais diretamente à prática da Terapia Ocupacional, tendo em vista a ocorrência de termos como recurso, instrumento, meio e objetivo; além destes, foram citados termos como gradação, adaptação e análise, que dizem respeito aos processos realizados pelo profissional ao fazer uso da atividade. Ocupação, por outro lado, mostrou-se relacionada ao trabalho, ambiente, participação e aos papéis desempenhados pelos sujeitos. Cotidiano, por fim, relacionou-se a termos como rotina, dia a dia, organização/repetição, relação, social e sujeito. Não obstante tais diferenças, a ocorrência simultânea de algumas categorias e a citação cruzada dos termos atividade, ocupação e cotidiano indicam que os sujeitos também relacionam estes conceitos entre si.

Tais achados sugerem que há uma percepção dos estudantes quanto às sutilezas que relacionam e ao mesmo tempo diferem estes conceitos, e indicam que as suas concepções são coerentes com as diferentes correntes de pensamento que envolvem a Terapia Ocupacional brasileira. Esta pluralidade de referenciais possivelmente reflete a formação profissional oferecida pela universidade em que esta pesquisa foi realizada, a qual conta com docentes provenientes de diferentes instituições de ensino, que em seu percurso profissional se envolveram com áreas de atuação e embasamentos teóricos diversos.

Deste modo, os resultados indicam que há uma homeostase causal que sustenta e dá sentido aos conceitos investigados, ou seja, não foi observada uma inconsistência conceitual ao se analisar conjuntamente as respostas dos sujeitos, contradizendo a hipótese inicial deste trabalho. Por outro lado, salienta-se a



necessidade de que a formação em Terapia Ocupacional proporcione uma explicitação das diferentes conotações que os conceitos em tela podem assumir, diante das diversas concepções teóricas desenvolvidas ao longo da história da Terapia Ocupacional nas diferentes localidades e culturas. Reforça-se, assim, que a pluralidade conceitual deve ser celebrada, investigada e divulgada, entendendo-se que tal característica é própria dos conceitos; a busca por conceitos uníssonos é fruto de uma forma específica de se compreender os conceitos, a qual conduz ao entendimento de que a falta de unanimidade é um problema a ser enfrentado.

Deve-se, porém, considerar a necessidade de outros estudos, visto que os dados desta pesquisa não podem ser generalizados, dado o seu caráter exploratório e o pequeno número de sujeitos participantes, provenientes de uma mesma universidade. Deste modo, sugere-se que outras pesquisas envolvam um número maior de sujeitos, de diferentes regiões, assim como profissionais graduados, incluindo outros conceitos centrais para a Terapia Ocupacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Occupational Therapy Association. (2015). Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo—3ª ed. traduzida. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 26(esp), 1–49. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Câmara Brasileira do Livro.
- Benetton, M. J. (2010). O encontro do sentido do cotidiano na Terapia Ocupacional para a construção de significados. *Revista Ceto*, 12(12), 32–39.
- Benetton, M. J., & Marcolino, T. Q. (2013). As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(3), 645–652. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.067>
- Castro, E. D., Lima, E. M., & Brunello, M. I. (2001). Atividades humanas e Terapia Ocupacional. In M. R. Carlo, & C. C. Bartalotti (Eds.), *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas* (pp. 41–59). Plexus.
- Castro, E. D., Lima, E. M., Castiglioli, M. C., & Silva, S. N. (2004). Análise de Atividades: Apontamentos para uma reflexão atual. In M. M. Carlo, & M. C. Luzo (Eds.), *Terapia Ocupacional: reabilitação física e contextos hospitalares*. (pp. 47–73). Roca.
- Cazeiro, A. P. (2013). *Um estudo sobre o domínio de conceitos básicos por crianças com paralisia cerebral e por crianças pré-escolares em função da forma de avaliação* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Cazeiro, A. P., Bastos, S. M., Santos, E. A., Almeida, M. V., & Chagas, J. N. (2011). *A Terapia Ocupacional e as atividades da vida diária, atividades instrumentais da vida diária e tecnologia assistiva*. ABRATO.
- Cazeiro, A. P., Cavaleiro, V. A., & Battistel, A. L. (2017). Um brinde à diversidade! *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 7(3), 254–259. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbito11647>
- Cazeiro, A. P., & Lomônaco, J. F. (2016). Vygotsky e sua interface com as teorias de conceitos: aproximações e distanciamentos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(2), 367–375. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150202993>
- Cazeiro, A. P., & Peres, P. T. (2010). A Terapia Ocupacional na prevenção e no tratamento de complicações decorrentes da imobilização no leito. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 18(2), 149–167.
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano*. (22nd ed.). Vozes.
- Drummond, A. (2007). Fundamentos da terapia ocupacional. In A. Cavalcanti, & C. Galvão (Ed.), *Terapia ocupacional: fundamentação & prática*. (pp. 10–17). Guanabara Koogan.
- Ferioti, M. L. (2013). Construção de Identidade(s) em Terapia Ocupacional no contexto das transformações paradigmáticas da saúde e da ciência. In E. M. Pádua & M. L. Ferioti (Eds.), *Terapia Ocupacional e complexidade: práticas multidimensionais*. (pp. 43–70). CRV.
- Figueiredo, M. O., Gomes, L. D., Silva, C. R., & Martinez, C. M. (2020). A ocupação e a atividade humana em terapia ocupacional: revisão de escopo na literatura nacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(3), 967–982. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoar1858>
- Francisco, B. R. (1988). *Terapia Ocupacional*. Papyrus.
- Galheigo, S. M. (2003). O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 14(3). <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>
- Gomes, C. A. (2013). *Levantamento das crenças salientes modais associadas ao conceito de cotidiano por terapeutas ocupacionais* [Trabalho de Conclusão de Curso, Programa de Aprimoramento Profissional, Universidade de São Paulo].
- Heller, A. (2014). *O cotidiano e a história*. Paz & Terra.
- Jara, R. M. (2018). O que une a Terapia Ocupacional? Paradigmas e perspectivas ontológicas da ocupação humana. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 2(1): 182–203.
- Keil, F. C. (2008). Theories, concepts, and the acquisition of word meaning. In S. A. Gelman & J. P. Byrnes. *Perspectives on language and thought: interrelations in development* (pp. 197–221). Cambridge University Press.
- Kéri, S. (2003). The cognitive neuroscience of category learning. *Brain Research Reviews*, 43, 85–109. [https://doi.org/10.1016/S0165-0173\(03\)00204-2](https://doi.org/10.1016/S0165-0173(03)00204-2)
- Lima, E. M., Pastore, M. N., & Okuma, D. G. (2011). As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a

2008. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 22(1), 68-75.
- Lima, E. M., Okuma, D. G., & Pastore, M. D. (2013). Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(2), 243-254. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.026>
- Lomônaco, J. F. (1997). *A natureza dos conceitos: visões psicológicas* (Tese, Livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lomônaco, J. F., Cazeiro, A. P., & Ferreira, A. M. (2006). Concepções de Deficiência e Reabilitação: um Estudo Exploratório com Graduandos de Fisioterapia. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 10(1), 83-97. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572006000100008>
- Magalhães, L. (2013). Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(2), 255-263. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.027>
- Oliveira, M. B. (1994). Rumo a uma teoria dialética de conceitos. In P. Abrantes, *Epistemologia e cognição*. (pp. 25-68). Editora da Universidade de Brasília.
- Pedral, C., & Bastos, P. (2008). *Terapia Ocupacional – Metodologia e Prática*. Rubio.
- Poellnitz, J. C., & Silva, C. R. (2019). Sobre a linguagem: sentidos para uso de termos e conceitos. In C.R. Silva (Ed.), *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. (pp. 80-96). Hucitec.
- Salles, M. M., & Matsukura, T. S. (2013). Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(2), 265-273. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.028>
- Salles, M. M., & Matsukura, T. S. (2015). Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da Terapia Ocupacional na literatura de língua inglesa. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(1), 197-210. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoARL510>
- Salles, M. M., & Matsukura, T. S. (2016). Conceitos de ocupação e atividade: caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In T. S. Matsukura, & M. M. Salles (Ed.), *Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental*. (pp. 13-34). EDUFSCAR.
- Silva, A. D. (2013). *Levantamento das crenças salientes modais associadas ao conceito de atividade por terapeutas ocupacionais* [Trabalho de Conclusão de Curso, Programa de Aprimoramento Profissional, Universidade de São Paulo].
- Silva, C. R. (2013). As atividades como recurso para a pesquisa. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 21(3), 461-470. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.048>
- Smith, E. E. & Medin, D. L. (1981). *Categories and Concepts*. Harvard University Press.
- Toyoda, C. Y., & Akashi, L. T. (1993). Atividade: conceito e utilização pelas terapeutas ocupacionais-docentes do Estado de São Paulo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 4(1-2), 26-35.
- Zanoni, T. T. (2013). *Levantamento das crenças salientes modais associadas ao conceito de ocupação por terapeutas ocupacionais* [Trabalho de Conclusão de Curso, Programa de Aprimoramento Profissional, Universidade de São Paulo].